

A HETEROGENEIDADE TEXTUAL NA CANÇÃO *EDUARDO E MÔNICA*

Robson Batista de Lima
(UESB)

RESUMO

Neste artigo, investigo a heterogeneidade textual na canção *Eduardo e Mônica*, do compositor Renato Russo. Para tanto, lanço mão dos pressupostos teóricos da Lingüística Textual, mais precisamente da tipologia cognitiva de Jean-Michel Adam.

PALAVRAS-CHAVE: Heterogeneidade textual. Gênero discursivo. Seqüência tipológica.

INTRODUÇÃO

O texto é uma realidade heterogênea, uma vez que se constitui de uma série de seqüências tipológicas. É evidente que a maneira como essas seqüências articulam-se num determinado texto varia de acordo com o gênero discursivo a que pertence.

Neste artigo, investigo o fenômeno da heterogeneidade textual no gênero canção. Levando-se em conta que “os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por seqüências tipológicas de base que podem ser heterogêneas entre si” (MARCUSCHI, 2002, p. 27), pergunto-me: Como se articulam as seqüências na canção *Eduardo e Mônica*? E qual delas predomina sobre as demais?

MATERIAL E MÉTODOS

Jean-Michel Adam (1990) propõe cinco tipos de seqüência tipológica, a saber: descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa e dialogal. Para esse autor, a *inserção* e a *dominante seqüencial* são as

duas maneiras que o texto utiliza para articular esses tipos de seqüência. No primeiro caso, trata-se de uma relação elementar de inclusão de um tipo de seqüência num outro. No segundo caso, tem-se uma relação mais complexa, uma espécie de mistura de seqüências.

Utilizo a proposta tipológica de Adam para analisar a heterogeneidade textual na canção *Eduardo e Mônica*. Para tanto, faço a segmentação das seqüências observadas no texto e investigo como essas seqüências se relacionam entre si, a fim de detectar o tipo de seqüência dominante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A canção Eduardo e Mônica é um bom exemplo da heterogeneidade textual, já que é composta de diversas seqüências tipológicas. Tais seqüências inscrevem-se de uma maneira própria ao gênero canção. O texto começa com uma seqüência argumentativa na qual se insere uma longa seqüência narrativa que apresenta, por sua vez, a inserção de seqüências dialogais e descritivas. Curiosamente, a canção termina com uma seqüência argumentativa idêntica àquela que a iniciou. Observando a organização do texto em análise, pude constatar que, apesar de a seqüência narrativa ser a mais extensa, a seqüência que “domina” as demais é a argumentativa. Portanto, o texto simplesmente não narra a história de amor de Eduardo e Mônica, mas antes a utiliza como argumento e exemplo para sustentar a tese de que “existe e, ao mesmo tempo, não existe razão para as coisas do coração”.

CONCLUSÕES

Muitas vezes ouvimos a letra de uma canção, mas não “escutamos” o que está em suas entrelinhas. Uma leitura apressada da canção *Eduardo e Mônica*, por exemplo, levaria um leitor incauto a classificá-la como um texto narrativo. Tal leitura, no entanto, revela-se

superficial e reducionista, pois não consegue dar conta de certas sutilezas que só uma leitura mais atenta é capaz de revelar, como, por exemplo, a forma brilhante como Renato Russo articulou as diversas seqüências que compõem a canção, tornando-a poeticamente persuasiva. Assim, concordo com afirmação de Costa (2002, p. 121): “O trabalho com a canção é igualmente vasto e fascinante. O professor não precisa ser ele mesmo um compositor ou cantor, mas, é claro, precisa ter ele mesmo a sensibilidade e a visão crítica que lhe cabe inculcar”.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. **Éléments de linguistique textuelle**. Liège, Mardaga, 1990.
- COSTA, N. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONISIO, A., MACHADO, A., BEZERRA, M. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A., MACHADO, A., BEZERRA, M. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.